



Rio Grande, 24 de agosto de 2016

Cirandeir@s!

Fiquei sem escrever como de costume na segunda porque viajei para ver minha filhota e cheguei no final da tarde de segunda e entrei no movimento acelerado de professor. E viajo no domingo novamente a trabalho para uma banca de qualificação de mestrado e uma fala sobre Análise Textual Discursiva em Cascavel no domingo! Assim que pensei, de novo vou ficar sem o tempo do domingo e da segunda para escrever e por que escrevo? Escrevo para lembrar que nosso prazo de escrita do relato se esgota nesta semana que vem no final do mês de agosto. Quanto mais for escrito, menos ou mais precisamos escrever depois, assim esta carta é de incentivo e ao mesmo tempo para mim mesma lembrar do meu relato. Vocês lembram sobre o que eu pensei escrever? Isso! A experiência de aula de Ciências em EaD, focando no relato na atividade solicitada aos alunos na disciplina de Filosofia e Sociologia no Ensino de Ciências para escolherem um objeto que faça parte de sua história. E escrevi a eles cartas, como vocês podem supor. A receptividade das cartas foi intensa e os tutores, tenho 3 tutores que me acompanham para acompanhar esta interdisciplinar para 64 alunos, também escreveram cartas quando fomos aos polos para o encontro presencial na semana passada. Se as cartas tiveram um grande impacto a eles, verem que sabíamos seus objetos mais ainda. E os objetos estão carregados de histórias de gente. Os objetos trazem dentro deles, gente!

Agora enquanto escrevo estes objetos perfilam-se na minha lembrança estes objetos contados nas cartas: a primeira roupa do filho, a aliança de compromisso colocada no dedo depois de muitos anos de parceria, as cinco alianças usadas ao longo da vida sempre com o mesmo parceiro, a bicicleta que leva o sujeito para casa depois do extenuante trabalho, a máquina fotográfica, a fotografia da mãe, a vassoura, o livro de Filosofia, o vestido guardado por seis anos antes do primeiro uso, o computador, o laptop, o caderno e o lápis, a Bíblia, a boneca, a Santinha, uma flor recebida e cuidada com alento. Cada um deles escolheu um objeto e agora vai descrevê-lo para a partir da descrição incorporar características que nos escapam quando um objeto a nós se mostra. Este exercício da descrição é um exercício dentro de uma visão de produção de conhecimento que problematiza a realidade. A cada um, uma realidade, embora o real possa ser o mesmo. É isso que a descrição quer fazer. E então a interdisciplina estará perpassada pelos tipos de conhecimento que estes objetos carregam: conhecimentos de senso comum, conhecimento religioso, conhecimento científico todos eles convivendo em nossas histórias. Tem também a cuia, o vestido de prenda comprado para a filha com muito esforço. O que significam os objetos que estão a nosso redor? Por que os guardamos? Como foram inventados? A ideia desta aula surgiu enquanto percorria uma exposição sobre a história da vestimenta, penso que pelo século XVII. O que mais me chamou atenção é que naquela época os sapatos do pé direito e esquerdo eram iguais na forma, e se diferenciavam com o tempo pelo uso. E como acertar o pé a colocar no sapato? Já pensaram que isso também foi inventado? Sim, os sapatos eram na forma iguais, mas então eram diferentes na decoração. Hoje temos muita tecnologia na produção de sapatos e muita ciência, daí é que surgiu a ideia da aula e no meu modo de perceber está dando boas possibilidades de diálogo entre os que preparam as aulas e os que assistem. Se vocês olharem a seu redor estarão rodeados de objetos feitos de diferentes materiais para diversos fins, ou não? Estamos numa sociedade que produz objetos como outra nunca teve, mas será que guardamos só objetos que nos trazem afetos ou somos consumistas? A discussão não é simples, mas sabemos que nosso planeta não aguentará o consumo de energia para a produção de todos estes objetos. É preciso consumir menos e só o necessário, mas o que é o necessário? Não há consenso.

E o que vou fazer a partir da escolha deste objeto: duas coisas: a descrição e a narração. Um vai dizer como ele se mostra e outro do sentido que tem para quem o escolheu. E com isso, o que depois? O estudo dos conhecimentos que constituem: filosófico, de senso comum, científico, com teorias, conceitos e suas tecnologias. E a sociologia entra aonde? Entra ao se pensar a quem pertencem estes objetos ou a quem podem pertencer. Não é tudo que podemos em termos de objetos, eles se distribuem nas camadas sociais de modo diferente. Por exemplo, quando criança sonhava com uma caneta tinteiro Parker 51 que nunca tive. Boa escrita. Quanto aos teóricos dos objetos estão aparecendo e estarão descritos no relato final. Daí conto mais. Mas um deles surgiu assim sem ser chamado, de repente: Sartre, um filósofo existencialista que escreveu a Náusea. Se isso é nome de livro! Eu nunca o teria escolhido, mas ele chegou e foi se mostrando. Resumindo, a aula acontece pelo diálogo a distancia. Aula aberta, sem fechamento conceitual. O que vocês pensam disso? Há um tempo atrás eu pensaria que essa ideia seria impensável e hoje ela me anima e encoraja. Será que ainda tenho espaço aqui? Esta ideia, vou dizer, está baseada na hermenêutica e na fenomenologia. Depois conto mais também sobre Gadamer, Heidegger, Flickinger e Hermann, essa, a Nadja, um espetáculo. Abraços. MC.